



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

SHIRLEYANNE COSTA DA SILVA

SUPER-AÇÃO: O Melodrama como Exercício do Ator

GURUPI - TO

2017

SHIRLEYANNE COSTA DA SILVA

SUPER-AÇÃO: O Melodrama como Exercício do Ator

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Marli Fernandes Magalhães.

**GURUPI – TO
2017**

SILVA, Shirleyanne Costa.

SUPER-AÇÃO: O Melodrama como Exercício do Ator/Shirleyanne Costa da silva. – Gurupi - TO, 2017.

fls. 42

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi - TO, 2017.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Marli Fernandes Magalhães.

1. Teatro. 2. Improvisação. 3. Melodrama. I. Título

SHIRLEYANNE COSTA DA SILVA

SUPER-AÇÃO: O Melodrama como Exercício do Ator

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – *Campus* Gurupi

Prof^o. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – *Campus* Gurupi

Prof^o. Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – *Campus* Gurupi

*Dedico este trabalho aos meus pais:
Marilene Costa da Silva e Gessy Ribeiro da
Silva, exemplo de força e dedicação, não
somente por tratar-se de serem meus pais, mas
também pelos obstáculos e desafios
enfrentados e conquistados, tornando-se
um exemplo em minha vida, pessoas humildes
e batalhadoras que criou, cuidou, educou e
protegeu seus filhos, sempre fazendo de tudo
para serem os melhores pais do mundo.*

Shirleyanne Costa da Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder o dom da vida, segundo meus pais pela luta, e pela boa educação, as minhas irmãs pelo apoio e também a minha vizinha que é minha segunda mãe, sempre me ajudou em tudo.

Minha orientadora Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães pela paciência, pela generosa ajuda, pelas sugestões e contribuições para a finalização do trabalho.

A minha amiga Michelle Pereira de Souza, por ter me acompanhado nessa trajetória, sempre que precisei me apoiou e me ouviu, e pelos bons momentos de partilha.

Aos meus companheiros do grupo SO.PRO: Melodrama, por terem contribuído para meu crescimento, pelos momentos em que aprendemos uns com os outros, por toda força e dedicação, a vocês gratidão.

Aos meus Professores, Brenno Jadvas Soares Ferreira, Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro, Ana Carolina Capuzzo de Melo, Manuel Tomaz Ataíde Júnior (Nelito), André Luiz Moura Siqueira, Claudemir Figueiredo Pessoa (Onasayo), Edna Maria Cruz Pinho, Anne Raelly Pereira de Figueirêdo, Diogo Sanquetta de Oliveira, Paulo Reis Nunes, Márcia Helena Padilha, Solange Cavalcante de Matos, Reuvia de Oliveira Ribeiro, Moisés Ribeiro da Silva Neto, Millene Lopes dos Santos Queta, que contribuíram para meu aprendizado, que levarei por toda vida.

Quero agradecer a todos da minha turma, pela paciência, pela união e por cada gesto de carinho que tivemos uns com os outros, levarei eternamente um pedacinho de cada um, dentro do meu coração. Com vocês eu cresci interiormente, com vocês eu aprendi o valor da socialização e com vocês eu me formei.

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir, e nunca, a criar, inovar, refazer, modificar. Quanto mais se nasce pronto, mais somos reféns do que já se sabe e, portanto, do passado; aprender sempre é o que mais impede que nos tornemos prisioneiros de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar. [...] Gente não nasce pronta e vai se gastando; gente nasce não-pronta, e vai se fazendo

Mário Sérgio Cortella

RESUMO

Esta pesquisa é oriunda de inquietações que surgiram no decorrer da Graduação no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi - IFTO. A mesma provocou a discussão que segue, ou seja, o anseio de conhecer mais sobre o gênero melodramático na construção cênica, dessa forma o leitor encontrará aqui nesta monografia um relato de experiência, no qual se originou na disciplina de Interpretação II (2015), ministrada pela Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães do IFTO. A partir desse trabalho criou-se o Grupo Sociedade Produtiva – SO.PRO: melodrama, como possibilidade de interpretação teatral pensando a composição de espetáculos. A intenção é descrever a trajetória do grupo e as contribuições que o mesmo tem oferecido para a vida profissional/pessoal da pesquisadora. Além de suscitar o leitor sobre o que é o melodrama, os gêneros melodramáticos e a improvisação melodramática. Para que fosse possível ampliar o conhecimento, foi necessário recorrer a autores que falam sobre o assunto, suscitando discussões fundamentando assim o trabalho.

Palavras-chave: melodrama, teatro, improvisação, superação

RESUMEN

Esta investigación es oriunda de inquietudes que surgieron en el curso de la Graduación en el Curso de Graduación de Licenciatura en Artes Escénicas del Instituto Federal de Educación, Ciencias y Tecnología de Tocantins - Campus Gurupi - IFTO. La misma provocó la discusión que sigue, es decir, el anhelo de conocer más sobre el género melodramático en la construcción escénica, de esa forma el lector encontrará aquí en esta monografía un relato de experiencia, en el que se originó en la disciplina de Interpretación II (2015), y en el caso de las mujeres. A partir de ese trabajo se creó el Grupo Sociedad Productiva - SO.PRO: melodrama, como posibilidad de interpretación teatral pensando la composición de espectáculos. La intención es describir la trayectoria del grupo y las contribuciones que el mismo ha ofrecido para la vida profesional / personal de la investigadora. Además de suscitar al lector sobre lo que es el melodrama, los géneros melodramáticos y la improvisación melodramática. Para que fuera posible ampliar el conocimiento, fue necesario recurrir a autores que hablan sobre el asunto, suscitando discusiones fundamentando así el trabajo.

Palabras clave: melodrama, teatro, improvisación, superación

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Alguns dos componentes do grupo na época.....	18
Figura 2 - Agradecimento após a apresentação no Festival de Artes de Goiás.....	19
Figura 3- Intervenção melodramática para conscientização no trânsito.....	22
Figura 4- Intervenções na vara da Mulher.....	23
Figura 5 - Participação do Juiz na cena.....	23
Figura 6 – Início da oficina.....	25
Figura 7- trabalhando os tipos melodramáticos.....	26
Figura 8 - Intervenção Melodramática para os estudantes de Alvorada/TO.....	27
Figura 9 - Estudantes de Alvorada, acadêmicos e servidores do IFTO.....	27
Figura 10 e 11 – encenação com alunos do primeiro período.....	29
Figura12 - Momento de troca de aprendizado do grupo com os acadêmicos.....	29
Figura 13 - Ensaio Tribunal Encantado.....	30
Figura 14 – Construção do corpo de uma vaca.....	31
Figura 15 - jogos com gestos melodramáticos.....	32
Figura 16 - Exercício com chapéu.....	33
Figuras 17 - Oficina Melodramática em Uberlândia/MG.....	34
Figuras 18 - Oficina Melodramática em Uberlândia/MG.....	34
Figura 19 - cena de embriagues.....	35
Figura 20 e 21 – intervenção melodramática em Porto Nacional.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. BREVE HISTÓRICO DO MELODRAMA.....	11
2. O FAZER TEATRAL RESGATANDO APRENDIZADO.....	13
3. O MELODRAMA COMO EXERCÍCIO DO ATOR.....	17
3.1 Discorrendo sobre as intervenções melodramáticas.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “**SUPER-AÇÃO: O Melodrama como Exercício do Ator**”, traz o relato de experiências vivenciadas ao longo de minha trajetória acadêmica. A idéia é pensar os acontecimentos construtores de uma identidade, ganhando forma a partir do envolvimento com o universo teatral, por conseguinte, o Melodrama.

Dessa forma traz-se aqui algumas inquietações que surgiram em uma trajetória acadêmica sabendo-se que, o exercício da escrita é um dos mais preciosos instrumentos para fomentar a identidade do indivíduo, pessoal e profissional, uma vez que proporciona a análise do trabalho realizado e do percurso de formação. O relato de experiência é um texto em que a autora descreve suas vivências, pensando em fatos importantes que contribuíram para sua vida enquanto discente e futura docente. Por isso, a acadêmica pede permissão ao leitor para construir o relato em primeira pessoa, evitando assim, prejuízo à essência do trabalho que traz corações e descobertas da pessoa que vos fala.

Esse trabalho vem explicar sobre a improvisação melodramática como material de construção de espetáculo e aprendizado. Durante a pesquisa o foco foi perceber as possibilidades traçando paralelo com autores que exploram o assunto. Contudo o importante é observar possibilidades que o melodrama pode oferecer como parceiro no auxílio ao aprendizado do estudante, pois através de jogos com elementos melodramáticos é possível promover um crescimento satisfatório na bagagem de conhecimento dos participantes, uma vez que os jogos com base no melodrama trabalham a criatividade, a espontaneidade, o trabalho em grupo, proporcionando assim saberes importantes que podem ser usados na vida acadêmica e no nosso cotidiano.

Para fundamentar minha pesquisa, no primeiro capítulo situarei o leitor com um breve histórico do melodrama, falando da sua origem, suas principais características e o que o melodrama trouxe para a cena em termos de teatralidade, buscaremos aqui uma breve reflexão, apoiada na busca de autores, estudiosos que pesquisam sobre o gênero, enfim, alguns aspectos desta estética teatral revolucionária.

No segundo capítulo venho abordar sobre meu primeiro contato com o universo teatral, momento em que minha identidade se coloca a mostra, deixando minha trajetória de vida protagonizar toda minha escrita, pois ela está intrínseca em minha pesquisa, uma vez que discorrer essa vivência é importante, pois assim o leitor ficará ciente do que influenciou a escolha pelo universo teatral.

Na leitura do terceiro capítulo percebe-se que discorro sobre a influência que o melodrama teve em minha vida pessoal e profissional, uma vez que o interesse para se pesquisar esse gênero foi despertado através do contato oferecido em uma disciplina ministrada no terceiro período de 2015, do curso de Artes Cênicas do IFTO *Campus* - Gurupi, o que contribuiu para a formação do Grupo de Extensão SO.PRO: Melodrama, onde se deu a continuidade do trabalho.

Ainda nesse capítulo abordo a trajetória do grupo, demonstrando para o leitor as intervenções melodramáticas que o grupo realizou, e vem concretizando ao longo do percurso, trazendo relatos com fotos e informações que mostram o nosso ir além dos muros da instituição. O fazer teatral que não só contribui com o desenvolvimento do curso, mas também com a formação de público, interferindo, a meu ver, de maneira positiva, na cultura local.

Junto as considerações finais trago as contribuições que o melodrama pode oferecer, tanto para a vida profissional, quanto pessoal, uma vez que o mesmo trabalha questões que despertam interesses e descobertas outras, não só no público acadêmico, mas também em comunidades que, direta ou indiretamente, participam desse fazer teatral. Sabendo-se que as características melodramáticas podem ser de cunho didático, no qual envolve lição de moral, o triunfo do bem, entre outras, o que contribui para reflexões entre as pessoas participantes, instigando o fazer reflexivo e as críticas construtivas.

1. BREVE HISTÓRICO DO MELODRAMA

O melodrama clássico é um gênero teatral que, segundo Jean Marie Thomasseau (2012), surgiu na Itália em meados do século XVII e se estabeleceu no final do século XVIII na França, após a revolução francesa. Em 1791 surgiu uma liberação que dizia que qualquer cidadão estava livre para construir um teatro público, no qual poderiam ser encenadas obras de todos os gêneros, dessa forma começaram surgir nos palcos peças mostrando cenas de opressão e violência que haviam sido banidas pela assembleia, deste modo a interpretação melodramática toma sua forma decisiva, seu estilo logo teve aceitação e o prestígio do público das classes mais populares, e também da burguesia, Jean Marie Thomasseau ressalta que:

A paixão das classes mais populares volta-se sobre ela mesma, nos espetáculos da virtude oprimida e triunfante; e ela durará todo o século. A burguesia, que tem em mãos os negócios, aplaude também o melodrama por que ele reage contra os excessos do teatro anticlerical e do teatro *noir*, importado da Inglaterra e ainda muito em voga sob o Diretório. Por outro lado, ela aprecia o melodrama porque ele tempera e ordena as tentativas mais ousadas do teatro da Revolução, põe em prática o culto da virtude e da família, remete à honra o senso de propriedade e dos valores tradicionais, e propõe, em definitivo, uma criação estética formalizada segundo padrões bastantes precisos. (THOMASSEAU, 2012, pg. 14)

Ao ler Thomasseau podemos dizer que o termo melodrama vem de dramas cantados, ou seja, Melo: Melodia e Drama: Ação, a melodia utilizada na ação, na fala, nos gestos. Uma das principais características do melodrama é a luta, na qual o bem sempre vence o mau, depois dos vilões terem causado bastante sofrimento aos mocinhos, os personagens são o que baseiam o melodrama de forma simples, a identificação dos personagens se torna mais fácil pela aparência física ou pelos gestos, gestos joviais, o que não impede de uma pessoa de mais idade interpretar o mocinho ou a mocinha, a característica é trabalhada na construção da personagem. Além desses personagens no melodrama, também utiliza-se a figura de um personagem cômico, que é introduzido antes ou depois de um grande sofrimento na trama, para dar uma quebra ao que está acontecendo deixando o público respirar, amenizando a tensão no espetáculo.

Os textos melodramáticos possuem uma estrutura imutável: composta por sentimentos como: amor, vingança, infelicidade. Além de perseguições, intrigas, castigos e recompensas, também a revelação de algo que interferirá profundamente na trama, é característico do melodrama. A chegada desse novo gênero teatral, devido ao enredo que se desenvolve nas peças melodramáticas, contribuíram diretamente para a convivência das classes menos favorecidas, como afirma Flávio Silva:

Por incrível que possa parecer, a força e os exemplos morais do melodrama, sobretudo no que diz respeito às obras de Pixierécourt**, teriam sido de tal extensão que, na época, a criminalidade diminuiu principalmente entre as classes menos esclarecidas e favorecidas economicamente. A um criminoso poderia ser dito: “Infeliz! (SILVA, 2005, P, 47)

Flávio Silva afirma ainda que no século XIX, pela primeira vez na história do teatro, o melodrama ultrapassou as mil representações tornando-o, o primeiro gênero teatral de característica internacional, fazendo com que esse gênero absorvesse e exportasse elementos, formas, gêneros e todos os estilos que foram surgindo nessa mesma época, um exemplo foi o drama romântico e os folhetins. Ao final do século XIX o melodrama havia sido substituído pelo drama romântico, pois começaram a considerar o estilo melodramático antinatural com uma interpretação exagerada.

Embora o gênero melodramático não tivesse o reconhecimento merecido, o mesmo deixou marcas permanentes no teatro que povoam até os dias atuais, e também na televisão, de quando visto representações nas modernas telenovelas, minisséries, seriados, tele-comédias, entre outros que, mesmo buscando estilos próprios, carregam características melodramáticas. Deste modo THOMASSEAU (2012, p 10) faz uma crítica sobre a arte do fazer melodramático, dizendo que essa arte se encontra agora em repouso, deixando apenas textos de rubricas e uma mísera lembrança de alguns velhos artigos.

Embora tenha encontrado em livros esse pensamento de Thomasseau, posso afirmar que ele desconhecia o fato do potencial que o melodrama guardaria por todos os tempos, influenciando vidas como a minha, que encontrou no melodrama uma maneira de tirar couraças e enfrentar minha própria realidade. Com meu desprendimento para trabalhar o melodrama, pude perceber possibilidade de mudanças, não só em mim, mas conversando com colegas do Grupo SO.PRO: Melodrama, pude concluir, que vários deles sofreram, de maneira positiva, a interferência desse gênero em suas vidas.

* René-Charles Guilbert de Pixierécourt (1773-1844) foi um dos autores mais importantes de melodramas de sua época, escrevendo um número aproximado de cem peças. É considerado o criador do Melodrama,

2. O FAZER TEATRAL RESGATANDO APRENDIZADO

O teatro sempre esteve presente em minha vida, porém só aos doze anos de idade, passei a fazer parte de um grupo na igreja, chamado: “Anjinhos da paz”, no qual eram realizados inúmeros trabalhos envolvendo o teatro, para serem apresentados em datas comemorativas, como: dia das mães, dia dos pais, ressurreição de cristo, natal, entre outros.

Gostava de estar envolvida nesse universo, os encontros aconteciam todos os domingos às quatorze horas, na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na Vila São José, Gurupi/TO. Nos encontros não tínhamos nenhum professor formado em teatro, ou alguém que entendesse sobre a área, éramos várias crianças com a mesma faixa etária, a coordenação do grupo ficava aos cuidados de algumas meninas com idade entre 14 e 15 anos.

Particpei do grupo até os 15 anos de idade, chegando então à adolescência, momento crucial da vida, no qual vem à vaidade e com ela também a preocupação com o corpo, pois a sociedade considera o corpo que tinha na época, completamente fora dos padrões de beleza, impostos pela mídia rotuladora, e esse pensamento começou a me afetar, aquela garotinha que adorava se apresentar e aparecer nos palcos, agora preferia estar só, e além de tantas frustrações veio também o *bulling* na escola, recordo de uma vez que fiz um teste para dançar em um grupo e o professor disse que eu dançava bem, mas por ser gorda não poderia participar.

Todo esse preconceito somado a outros problemas que enfrentava resultou em uma depressão, que fez com que eu me fechasse ainda mais, fazendo do meu quarto um refúgio, afastei de todos, conclui o ensino médio buscando forças onde não tinha, passei dois anos tentando recuperar, mas não conseguia. Então resolvi fazer o curso Técnico em Agronegócio ofertado pelo “Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins”, meu objetivo era ocupar a mente, e tentar sair daquele “buraco”, no qual me encontrava, porém não consegui concluir o curso, tentei de todas as formas, cheguei a etapa final que era o estágio, e não o finalizei.

Na mesma época estava trabalhando na CORES (Coordenação de registros escolares) da instituição, como estudante bolsista, no período noturno, e sempre que ocorriam apresentações dos estudantes do curso de Artes Cênicas, desdobrava para assistir, gostava do que via, fazia bem presenciar o trabalho desses acadêmicos, criava imagens me envolvendo naquele universo, recordava a época do trabalho teatral na igreja. Quando desisti do curso técnico em agronegócio, resolvi prestar o vestibular para o curso de Artes Cênicas, além de ser algo que gostava, acreditava que ali poderia libertar de tudo que impedia de ser quem

realmente era. E como afirma Flávio Desgranges em seu livro “A Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo que:

O mergulho na corrente viva da linguagem acende também a vontade de lançar um olhar interpretativo para a vida, exercitando a capacidade de compreendê-la de maneira própria. Podemos conceber, assim, que a tomada de consciência se efetiva como leitura do mundo. Apropriar-se da linguagem é ganhar condições para essa leitura. (DESGRANGES, 2006, pg. 23)

Só mais tarde, já cursando Artes Cênicas, tive acesso a essa fala de Desgranges, que hoje me faz entender que foi uma atitude assim, mesmo que inconsciente, que me levou a decidir, então prestei o vestibular e fui aprovada, começando assim minha jornada. Logo no primeiro período enfrentei dificuldades para expressar teatralmente e compreender o processo, pois a visão que tinha de teatro fora da academia era totalmente diferente da que estava vivenciando, visto que o curso era de teatro, eu teria que atuar. Mas voltando a Flávio Desgranges, reafirmo minha idéia de que o teatro é transformador. Ele não é, e não deve ser considerado como terapia, mas ele transforma seres humanos em pessoas melhores, porque nos permite refletir, olhar para dentro de nós, nos avaliar enquanto pessoa e não como mostra da sociedade que as vezes é hipócrita valorizando mais o que ela pode ver do que o que realmente somos. O Teatro, o Melodrama, nos obriga a refletir, apensar no outro. O Teatro não é terapia, isso é fato, mas possui um poder pedagógico surpreendente, que nos libera para podermos ter condições de valorizar coisas, questões, que estão intrínsecas à esse universo. Desgranges me faz pensar o teatro, por conseguinte o melodrama, como linguagem instigadora de reflexão quando ele diz que:

No teatro, por sua vez, uma narrativa é apresentada valendo-se conjuntamente de vários elementos de significação, a palavra, os gestos, as sonoridades, os figurinos, os objetos cênicos, etc. A experiência teatral desafia o espectador a, deparando-se com a linguagem própria a esta arte, elaborar os diversos signos presentes em uma encenação. Esse mergulho no jogo da linguagem teatral, provoca o espectador a perceber, decodificar e interpretar de maneira pessoal os variados signos que compõem o discurso cênico. (DESGRANGES, 2016, pg. 23)

Hoje traço um paralelo de tudo isso, da palavra, dos gestos, das sonoridades, os figurinos, os objetos cênicos com o melodrama, mas no momento, chegava naquele universo com uma visão romântica que adquiri através da apreciação, porém temia o que vinha pela frente. O gênero melodramático era desconhecido por mim.

Logo surgiu o primeiro trabalho prático, proposto pelo Professor André Luiz Moura Siqueira no ano de dois mil e quatorze, uma encenação baseada na tragédia: “Prometeu

Acorrentado**”, na qual o professor propôs que todos encenassem, o mesmo nos ofereceu suporte para que o trabalho fosse desenvolvido. Sabia que de uma forma ou de outra, deveria me inserir nas propostas do professor. A idéia de Trindade me faz lembrar do estímulo vindo do Professor André Luiz, quando nos passava segurança para entrar em cena ele ressalta que:

(...) qualquer aprendiz precisa ser estimulado, incentivado, encorajado; afinal aprender é aproximar-se de novo do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em quem confiar, alguém que nos diga: vai/vá; alguém que nos diga: vem; ou alguém que seja capaz de dizer: vamos.(TRINDADE, 2000, p.13)

Mesmo com todo incentivo a preocupação aumentava, não conseguia dormir direito pensando em como seria, como iria apresentar, com todos me olhando, mesmo assim enfrentei aquele “desafio” e apresentei. Após todos se apresentarem foi pedido para que nos juntássemos para uma foto da turma, na hora transpirei, fiquei pensativa comecei a tremer, eu não me aceitava, e não tirava foto, não conseguia e tinha medo que postassem nas redes sociais, então me ofereci para fotografar, como todos queriam estar na foto não houve nenhuma objeção, contudo me sentia muito mal, pois sabia que futuramente arrependeria ao olhar as fotos da turma e não me ver nelas, foi o que aconteceu, quando fizeram a publicação no *facebook*, e eu não aparecia nas fotos, me senti um fantasma, como se não fosse parte daquele universo, pensei várias vezes em desistir, vendo que dali para frente seria assim, fotos, apresentações e as pessoas ao meu redor adoravam aquilo, sorriam e curtiam o que estavam fazendo, gostava, mas não conseguia me expressar nem me libertar, mesmo assim consegui burlar a situação por dois longos anos, e as dificuldades se tornaram dispositivo para iniciar minha trajetória com o melodrama.

Volto a Flávio Desgranges, de quando ele fala de improvisação, do jogo dramático. Me faz refletir sobre minha trajetória acadêmica. Ele diz que: “O salto de qualidade do jogo Dramático está inscrito justamente, no caráter artístico que o constitui. Sem perder o prazer próprio ao jogo espontâneo, almeja-se que os participantes conquistem a capacidade de criar, organizar, emitir e analisar um discurso cênico”, Desgranges (2006, pg. 94). Aqui ele fala do Jogo Dramático, mas é exatamente esse sentimento que trago hoje com relação ao Jogo Melodramático, e o sentimento que na época, me fez seguir em frente. São vários os pensamentos de Desgranges sobre o Jogo Dramático que corroboram com o Jogo Melodramático. Em sua escrita ele afirma que:

* Prometeu acorrentado: Prometeu acorrentado: É uma tragédia grega, escrita por Ésquilo composta numa data posterior, entre 450 e 425 a.C. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_Acorrentado > Acessado em: 31 de outubro de 2017

O Jogo Dramático apresenta-se, também, como um instrumento de análise do mundo: as situações cotidianas são vistas e revistas, moldadas e modificadas no jogo, e o indivíduo pode sempre parar, voltar atrás e tentar de novo. Essa estrutura repetitiva do Jogo Dramático, ressalte-se, constitui-se em um de seus aspectos fundamentais, já que, no decorrer de muitos exercícios, propõe-se que, após a análise da cena feita pelos jogadores – espectadores, os jogadores-atores possam retomá-la, redefini-la com base nos comentários feitos pelo grupo, e apresentá-la de novo. (DESGRANGES, 2006, pg. 95).

As informações que Desgranges passa sobre o Jogo Dramático, além de me fazer pensar a Interpretação e a Improvisação Melodramática, me faz pensar sobre o jogo da vida. De quando afirmo com tanta convicção que o fazer melodramático me auxiliou ao reestruturar minha vida, pessoal e acadêmica. Essa oportunidade de refletir e fazer de novo, execuções que o ser humano às vezes, se vê obrigado a repetir na expectativa de fazer melhor da próxima vez.

Nem tudo nos dá a chance de fazer de novo, talvez seja com essa reflexão que me agarrei à essa oportunidade, me permitindo a entrar em cena e improvisar, e a trazer aqui, nessa monografia, minhas descobertas, com a ousadia, que alguém que, como eu, ao ler esse relato, e de alguma forma tiver a oportunidade de se mergulhar no universo melodramático, o veja como possibilidade ampliadora de reflexão, introspecção e aprendizado.

3. O MELODRAMA COMO EXERCÍCIO DO ATOR

Depois de muito falar sobre minha chegada ao universo das Artes Cênicas, quero voltar o olhar especificamente para o Melodrama. Minha paixão pelo melodrama surgiu através da disciplina de Interpretação II, ministrada em 2015/1, no terceiro período, pela Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães, que hoje também é minha orientadora e coordenadora do grupo SO.PRO: Melodrama. Essa era a disciplina que eu mais me identificava, pois além de trabalhar com a improvisação, também trazia os tipos melodramáticos, me lembro de uma frase que a professora Marli sempre nos falava: “’Belos em cena’, imaginem um fio puxando a cabeça, asas nas costas, e um sol no peito”, era assim que devíamos nos portar em cena, essa linguagem envolvia muitos sentimentos e dialogava com meu pensamento, quando em vários encontros nos era proposto improvisar cenas envolvendo os personagens *tipo*, como: o sofredor, o vilão a mocinha entre outros. Welerson Freitas Filho e Paulo Ricardo Merisio destacam que:

Os personagens tipos são a personificação desses dois pólos, o bem e o mal. São codificados e facilmente identificados, o mocinho herói e/ou sofredor, a mocinha heroína e/ou sofredora; outros secundários como: pai nobre, a dama galã, o personagem misterioso, o soldado, o pirata e a dama de companhia. (FILHO; MERISIO, 2011, p. 6)

A partir da disciplina e do trabalho que estava sendo desenvolvidos com a improvisação melodramática, surgiu à oportunidade de montarmos um grupo e apresentarmos no XIII Festival de Artes de Goiás com o tema “Corpo Indecente”, na cidade de Goiás-GO. A Professora Marli era a responsável pelo grupo, que na época era composto por doze integrantes. Embora gostasse da linguagem melodramática, ainda não me sentia bem encenando, então fui como maquiadora e fotógrafa do grupo, o que para mim já era de grande valia. Os ensaios do grupo aconteciam todas as quartas-feiras, na sala de dança do IFTO, eu estava presente apenas como observadora. O trabalho estava sendo desenvolvido pautado na improvisação melodramática, envolvendo o jogo do “Gaulier” e o jogo do detetive e assassino.

O Jogo do “Gaulier” é um jogo que trabalha a improvisação e conta com a participação de uma pessoa para comandar o jogo, como afirma Ricardo Augusto Santos de Oliveira:

Esse jogo foi feito pelo diretor no curso realizado com Philippe Gaulier e repassado ao grupo. Ele possui as mesmas regras do jogo tradicional conhecido como Meu mestre mandou ou Macaquinho disse. Um chefe, no caso o diretor, pede ao elenco para fazerem algumas ações, só que estas só podem ser realizadas se precederem à frase Gaulier mandou. Por exemplo, Gaulier mandou pular, todos executam, se ele disser, mandou correr, não deve ser feita por não ter sido ordenada por Gaulier. Quando um dos atores desobedecia às ordens do jogo, um segundo deveria denunciá-lo melodramaticamente ao diretor tratando-o por Monsieur, leProfesseur, em respeito à sua autoridade. (OLIVEIRA, 2008, p. 7)

Era prazeroso ver meus colegas encenando, me recordo que em um dos ensaios a Professora Marli Magalhães propôs que uma integrante do grupo encenasse um momento que ela abandonava seu filho na igreja, em uma noite de natal, e depois se arrependia e voltava para resgatá-lo, porém a criança não estava mais no local que foi deixada. Fiquei encantada com a atuação e com o desenrolar da cena, todos nós ficamos observando em silêncio o sofrimento daquela mulher, o arrependimento dela por ter abandonado o filho, sabendo que não mais o veria.

Os encontros eram sempre proveitosos, as propostas de improvisação trazidas para o grupo eram instigadoras, meu interesse em participar, de estar em cena aumentava cada dia mais, mas a timidez e a insegurança naquele momento me impediam de agir, e não me permitiam fazer o que realmente queria, me sentia acorrentada, queria, porém faltava coragem. Tivemos alguns encontros até o momento de viajarmos para a apresentação na cidade de Goiás. Abaixo segue foto de um momento após ensaio para a apresentação.

Figura 1 – alguns dos componentes do grupo na época



Fonte: acervo próprio (2015)

A apresentação do grupo na cidade de Goiás, pelo Festival de Artes, ocorreu no dia sete de novembro, último dia do festival, às 15h em uma praça da cidade, chamada “Praça do Coreto”. Havia uma quantidade considerável de pessoas assistindo ao evento, nos prestigiando. O grupo interagiu com o público, pois o trabalho com o melodrama permite essa interação, jogar com o público inserindo-o na cena. Embora estivesse no trabalho como maquiadora do grupo, foi nesse momento que percebi que queria estar em cena, me dando forças para entrar realmente no jogo. Decidi que na próxima oportunidade entraria em cena.

Figura 2 – agradecimento após a apresentação no Festival de Artes de Goiás



Fonte – acervo próprio (2015)

A partir daí surgiu a idéia de formalizar o grupo dentro da instituição, ou seja, passar de fato a pesquisar a linguagem melodramática, possibilitando também a entrada de novos integrantes. Inicialmente tivemos dificuldades em mantermos um grupo, no qual os integrantes cumprissem com a responsabilidade de estarem presente em todos os encontros, uma vez que o grupo, mesmo sendo de pesquisa, era informal, pois de início não conseguimos regularizá-lo como grupo de extensão, os integrantes participavam por interesse de aprofundar os conhecimentos, sendo assim muitas pessoas entraram e saíram, trazendo contribuições para nosso crescimento enquanto grupo.

Em dois mil e dezesseis por volta do mês de junho, tínhamos uma formação fixa do grupo, e contava com um número relevante de integrantes, composto pelas atrizes, Tainara Ferreira, Suzane Cardoso, Marice Alves, Shirleyanne Silva, e os atores Iaco Mendonça,

Fernando DiOliveira, Cleomar Vieira e a coordenadora Professora Ma. Marli Magalhães fizemos algumas intervenções em eventos pela instituição, saíram alguns componentes e ganhamos novos integrantes como o Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira e o Professor Esp. André Luiz Moura Siqueira, também um rapaz da comunidade chamada Cleiton Sales de Oliveira.

O grupo foi oficializado como Projeto de Extensão do IFTO - *Campus Gurupi* em outubro de dois mil e dezesseis, denominado (Sociedade Produtiva) SO.PRO: Melodrama, e vem trabalhando o melodrama como possibilidade de interpretação e improvisação teatral, pensando a composição de espetáculos, como também material pedagógico. Flávio Desgranges discorre sobre a prática pedagógica e afirma que:

Tomar a experiência com a arte enquanto relevante atividade educacional constitui-se em preposição que vem sendo investigada ao longo dos tempos, e que continua a estimular o pensamento e a atuação de artistas e educadores contemporâneos, já que as respostas para essa questão apresentam-se, enquanto formulações históricas, apropriadas para as diversas relações estabelecidas entre arte e sociedade nas diferentes épocas. Em nossos dias, um dos aspectos marcantes do pensamento acerca do valor pedagógico da arte está no desafio de tentar elucidar em que medida a experiência artística pode, por si, ser compreendida enquanto ação educativa. Tentaremos, pois, abordar este aspecto do tema: como pensar a prática do teatro enquanto atividade educacional? Ou ainda, como compreender o valor pedagógico inerente à experiência proposta ao espectador teatral? (DESGRANGES, 2006, pg. 21)

Possibilita-se assim, pensar o Grupo SO.PRO: Melodrama como um dispositivo para levar o teatro, o melodrama, até pessoas que se interessem no universo teatral e que por algum motivo, ainda temesse contato limitado. Com esse olhar o grupo levou o trabalho à vários lugares, com intervenção, e com oficina de teatro. E aquela pessoa que ficou meses trancafiada em um quarto, acreditando que a vida não tem sentido, hoje compartilha com outras pessoas o conhecimento adquirido e a segurança conquistada através do fazer teatral.

Com o aumento dos convites recebidos pelo grupo, ampliou-se a abertura dos aprendizes de atores para cena, e por conseguinte, ampliou-se também a visão sobre o potencial didático da improvisação melodramática para os futuros professores. Éramos forçados a pesquisar mais e mais, para termos afinidade como conteúdo que trabalharíamos nas intervenções. Essas pesquisas se tornaram um meio de busca e aprendizado que o grupo não havia planejado. A intenção primeira seria pesquisar sobre o Gênero Melodramático, mas com a chegada de intervenções pesquisávamos sobre direito das mulheres, violência doméstica, regras de trânsito, empreendedorismo e outros, temas que eram pesquisados para

apresentações específicas, enfim, muitos estudos relevantes e importantes que fomos realizando no decorrer dos trabalhos.

Um fato relevante, que me faz acreditar na riqueza do aprendizado através do melodrama e a possibilidade de compartilhar conhecimento, foi o fato de observar um dos integrantes do grupo, Fernando DiOliveira, que com o fazer melodramático apreendido no grupo, realizou um trabalho com estudantes da APAE* de Gurupi que são portadoras de necessidades específicas. E em momentos que compartilhou do seu trabalho conosco, Grupo SO.PRO, pudemos compartilhar do palco, da cena e do aprendizado com essas pessoas. Momento em que vi ali, na minha frente, o fazer melodramático, que vinha transformando minha vida, transformar a vida de outros. Afirmo isso, porque vi nos rostos deles, a alegria em participar do melodrama.

Pude pensar a contribuição desse trabalho em várias situações relevantes. Não só no palco, na vida, em mim, no outro. Ficou claro que compartilhar desse aprendizado em escolas da cidade e da região, em interferências realizadas pelo grupo, não apresenta só o fazer teatral, nem o melodrama, mas sim o amor pela Arte e pelo outro. Seres humanos em cena, compartilhando possibilidades, que talvez fizessem parte do impossível para alguns, como foi pra mim um dia. Podemos sim, basta se dedicar.

3.1 Discorrendo sobre as intervenções melodramáticas

O grupo em sua trajetória vem realizando inúmeras intervenções em diferentes locais da cidade de Gurupi/TO, as quais contribuíram de forma relevante para o aprendizado de todos os componentes do grupo. Convidados por uma policial para realizar uma intervenção cênica no centro da cidade de Gurupi, com o intuito de conscientizar e também chamar a atenção dos habitantes para a importância do respeito às leis de trânsito, usando o melodrama como dispositivo, fomos para as ruas do Centro da Cidade.

Para essa encenação o grupo criava improvisações quando encontrava alguma contravenção no trânsito, evidenciando para as pessoas que estavam passando nas ruas a infração cometida, em momento que pessoas estacionavam o carro na faixa de pedestre, ou na rampa para cadeirante, o grupo se mobilizava para chamar a atenção do infrator, “melodramaticamente”, para que ele reconhecesse sua falta. Algumas pessoas não gostavam e

* APAE – Associação de pais e amigos dos excepcionais (*Escolas de Ensino Especial*)

ficavam bravas, porém tínhamos o apoio da Polícia Militar para o caso de alguém tentar nos agredir. Com bom humor e desprendimento o grupo interagia provocando risos, embora houvesse a rejeição de alguns, por não admitir que seu gesto estivesse desrespeitando as regras de trânsito, havia os que se conscientizavam e concordavam que deveriam pensar em suas ações.

Figura 3 – intervenção melodramática para conscientização no trânsito

Suzane Cardozo, Cleomar Vieira, Shirleyanne Silva, Tainara Ferreira



Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/1337006446319302/>> (2017)

Dando continuidade a trajetória do grupo, fomos convidados a fazermos uma apresentação em um evento da Vara da Mulher, com o tema violência doméstica, o evento aconteceu no Uniclub* de Gurupi/TO, ao adentrarmos ao local percebemos que tinha um número considerável de mulheres assistindo, e que além das palestras que estavam sendo ministradas, havia também a oferta de momentos voltados ao interesse da mulher, com um espaço no qual era ofertado serviço de manicure, tratamento de cabelo, além dos cuidados com a saúde.

Nesse mesmo dia também ocorreu algumas apresentações, como *show* de uma banda católica e também a apresentação teatral do grupo de teatro SO.PRO: Melodrama, para apresentação abordamos o tema violência contra mulher, no qual fiz o papel de uma filha que sofria maus-tratos do pai, e era protegida pela mãe, que também era maltratada, ao final da trama a mãe cansada de sofrer envenena o pai e a filha, não aguentando mais o sofrimento

* Unidade de lazer dos servidores do município de Gurupi - Tocantins, situado na 114-152, R cento e um. Dois-Res. Jardim dos Buritís, Gurupi - TO, 77430-300

acaba bebendo o veneno dando fim a sua vida, nessa apresentação tivemos a participação do Juiz da vara da mulher, que em um momento improvisou conosco, estava acontecendo uma cena, na qual a mulher era agredida pelo esposo, porém se calava por medo, a jovem senhora de início tenta disfarçar as agressões, por vergonha da situação, sendo incentivada pela platéia a denunciar, porém ela reluta dizendo que não sabe o que fazer, nesse momento a Professora Marli, no papel de condutora dos jogos, chama o Juiz que esta por perto dando uma entrevista para um jornal local, introduzindo-o na cena, explica a situação, ele então entra no jogo contracenando com a mulher e o esposo. Segue abaixo uma imagem do dia da apresentação.

Figuras 4 – Intervenções na vara da Mulher



Fonte:<<https://www.facebook.com/groups/133700644319302/photos/>>

Figuras 5– Participação do Juiz na cena.



Fonte:<<https://www.facebook.com/groups/1337006446319302/photos/>>

No dia quinze de novembro de dois mil e dezesseis, o grupo de teatro SO.PRO: Melodrama, viajou para Uberlândia-MG, o intuito da viagem era participar de uma oficina com atores pesquisadores que integram o grupo Trupe de Truões daquela cidade, ministrada por dois integrantes do Núcleo de pesquisa de Melodrama (NuMel). Embora estivéssemos a um bom tempo pesquisando o melodrama, era necessário um contato, uma troca de experiências com grupos que também pesquisam esse gênero, e de fato essa experiência abriu um leque para que entendesse o que a coordenadora Marli queria nos passar. Pude compreender o exagero melodramático e o que era estar “belo em cena”, o andar saltitante da mocinha, vilões com deformidades, o sofrimento dos enamorados ao serem separados por alguma razão, me despertavam interesse pela atuação melodramática.

Inicialmente fizemos um jogo teatral fazendo gestos melodramáticos para nos apresentar, e logo após passamos para a encenação, para a condução da oficina a ministrante usava de um bumbo ao bater a mesma falava “Povo de Paris”, ela nos explicou que ao usar essa frase teríamos que olhar para frente onde se encontrava o povo de “Paris”, conforme íamos interpretando era nos passado informações para que pudéssemos construir o personagem, para fazermos à mocinha a personagem teria que ter como imagem o elemento ar, andar alegre e saltitante, fazer movimentos leves, ter a voz doce e aguda, para o vilão (a) o personagem tinha que ter passos firmes, e ter como imagem o elemento terra, além de poder ter alguma deformidade em seu corpo como um corcunda, para a cena nos foi proposto que encenássemos os enamorados, que se encontraram e se apaixonaram vivendo assim um amor proibido, no qual devido a proibição teriam que fugir para ficarem juntos, porém no dia da fuga o seu amor não compareceu causando um grande sofrimento fazendo com que o personagem que era bom se transformasse em um vilão, o mesmo dotado de ódio por ter sido desprezado encontra seu amado (a) depois de uma longa jornada de busca e muito sofrimento e o mata. Esse exercício nos proporcionou o trabalho com dois dos principais personagens característicos do melodrama clássico, pois nos colocou na figura de mocinho e vilão. Após muitos estudos surgiu a oportunidade de alguns integrantes ministrarem uma oficina voltada para o melodrama.

Oficina MelodrArt, ministrada pelos bolsistas Amanda Carolina, Fernando DiOliveira e eu, Shirleyanne Silva, no *Campus* Porto Nacional, no VI encontro do Pibid, com a presença de bolsistas de várias cidades do Estado do Tocantins de diversos cursos. Inicialmente contávamos com poucas pessoas presentes, pensei que o pessoal não fosse comparecer, então esperamos mais alguns minutos para dar início, as pessoas começaram chegar. Houve oficinas que os ministrantes não compareceram, então os inscritos migraram para a que estávamos

ministrando, deixando a sala lotada. Algumas pessoas relataram que permaneceram no local por estarem cansadas e precisavam relaxar, outras por curiosidade em saber o que era o MelodrArt, o interessante é que tivemos um resultado satisfatório.

Iniciamos a oficina com exercícios corporais, e logo após fizemos um jogo chamado “quebrar gelo”, no qual cada participante teria que falar seu nome e fazer um gesto, e assim todos os participantes teriam que fazer o mesmo gesto e falar o nome da pessoa três vezes, cada gesto que surgia causava risos, e o pessoal ia se descontraindo. Ao finalizarmos o jogo iniciamos a improvisação melodramática, primeiramente falamos um pouco sobre o melodrama, para situar os participantes do objetivo do jogo.

Figura 6 – início da oficina



Fonte: Acervo próprio (2016)

Logo após colocamos músicas para trabalharmos os tipos melodramáticos, ao finalizamos, propomos que os participantes improvisassem cenas melodramáticas, os primeiros voluntários foram uma moça do curso de Letras, e um rapaz do curso de Física, eles fizeram os enamorados, a partir dessa cena outras pessoas entraram no jogo, dando continuidade à história. Realizamos várias improvisações melodramáticas, em algumas delas nós que estávamos ministrando, entramos em cena contracenando juntamente com os participantes do local.

Figura 7 – trabalhando os tipos melodramáticos



Fonte: Acervo Próprio (2016)

Para finalizar fizemos uma roda, com todos sentados no chão, para ouvir as contribuições e colocações de cada participante sobre a oficina, os comentários me surpreenderam, pois eles relataram que haviam gostado, e que tinham adquirido conhecimento com a oficina, alguns ressaltaram que não conheciam essa linguagem teatral, outros conheciam mais nunca haviam visto em forma de teatro, cada comentário era gratificante, pois havíamos alcançado o objetivo principal que era apresentar essa linguagem, não apenas teoricamente mais também na prática.

Intervenção Melodramática para estudantes do 9º ano do Colégio Estadual Adjúlio Balthazar, da cidade de Alvorada do Tocantins, os quais vieram a Gurupi para conhecer o Campus Gurupi, que estava em período de divulgação do processo seletivo. Nesse dia nos dirigimos ao anfiteatro, onde estavam presentes os alunos e o diretor do campus, Marcelo Terra, a improvisação era voltada para os estudos, o objetivo era mostrar para os estudantes o que o IFTO campus Gurupi poderia ofertar para os alunos.

Inicialmente a integrante Suzane Cardoso contracenou, juntamente com o professor e integrante de grupo; André Luiz Moura, que fez o papel de pai da moça, ela por sua vez falou do seu anseio de estudar artes, porém a mesma tinha medo, porque seu pai não a deixava estudar, e no decorrer das cenas lançávamos propostas que a incentivava a estudar no IFTO, pois lá o ensino era gratuito e de qualidade e assim falamos também sobre os cursos ofertados pelo *Campus*, segue imagem da encenação.

Figura 8 – Intervenção Melodramática para os estudantes de Alvorada/TO



Fonte: <<https://www.facebook.com/iftocampusgurupi/>> (2017)

Ao fim da apresentação a coordenadora Marli Magalhães, apresentou todos os componentes do grupo, registrando o momento com uma foto de todos os presentes, Segue imagem.

Figura 9 - Estudantes de Alvorada, acadêmicos e servidores do IFTO



Fonte: <<https://www.facebook.com/iftocampusgurupi/>> (2017)

O grupo ofertou também um “aulão” melodramático, junto aos professores Brenno Jadvas, André Luiz Moura e Marli Magalhães, realizaram no dia vinte e seis de abril, com o objetivo de inserir a linguagem melodramática aos novos integrantes do curso de Artes Cênicas, de início a proposta era apenas para a turma do primeiro período, porém foi acordado que seria viável que acontecesse para todos do curso, pois seria um momento de praticarmos a interdisciplinaridade.

Inicialmente fizemos exercícios de preparação corporal, com o professor André Luiz Moura, no qual se foi trabalhado exercícios de relaxamento, e enraizamento, fizemos também exercícios como pular corda, para trabalhar a exaustão, no qual duas pessoas ficavam batendo corda e de acordo com os comandos os participantes teriam que pular, em seguida a professora Marli fez uma breve introdução sobre o melodrama, e logo após o grupo entrou com a improvisação melodramática, envolvendo os acadêmicos na cena, trabalhou também com tipos melodramáticos entre outros, e tivemos também um momento em que alguns acadêmicos improvisaram cenas com o exagero melodramático. Percebemos a importância desses momentos de troca, professores de um curso se disponibilizando a compartilhar conhecimento, momento enriquecedor, que nos fez perceber a valia da troca de aprendizado, o quanto é importante se trabalhar a interdisciplinaridade. Segue abaixo imagens desse encontro.

Figuras 10 e 11 – encenação com alunos do primeiro período



Fonte: Fernando França (2017)

Figura12 - Momento de troca de aprendizado do grupo com os acadêmicos



Fonte: Fernando França (2017)

Acredito que esse momento foi de suma importância para todos, pois nos proporcionou uma troca de aprendizado entre os discentes e os docentes, e também a aproximação entre os acadêmicos de todos os períodos do curso.

Após trabalharmos por algum tempo com a improvisação melodramática, decidimos montar um espetáculo usando texto dramaturgico, voltado para o público infantil, uma vez que há poucas produções na cidade de Gurupi que sejam voltadas para esse público. Pensando nessas questões um integrante do grupo, Fernando DiOliveira escreveu o texto “O Tribunal encantado: Uma fábula melodramática em cinco cenas”.

O texto é uma obra infantil que conta a história de alguns personagens dos contos de fada, clássicos, de uma forma melodramática, retratando uma total desordem, nas histórias infantis, no qual o mágico de OZ terá que solucionar essa problemática. O texto também possui um cunho didático, que traz lições de moral, fazendo jus à tradição melodramática, mostrando para as crianças a noção do certo e do errado, o que nos leva a pensar como o melodrama é um gênero indicado para se trabalhar com crianças. Figura a seguir momento de ensaio do texto.

Figura 13 – Ensaio Tribunal Encantado



Fonte: Fernando DiOliveira (2017)

O texto foi escrito pensando os componentes do Grupo, procurando envolver todos nesse trabalho, tanto na encenação, quanto na construção do cenário e na confecção dos figurinos. Embora à primeira vista a encenação não contemple totalmente o gênero melodramático, o enredo é melodramático.

Buscando uma maneira de melhorar o desenvolvimento do trabalho com o Tribunal Encantado, o grupo buscou alternativas que pudessem fomentar o desenvolvimento, ou seja, enriquecer ainda mais o que estava sendo desenvolvido, dessa forma começamos a assistir filmes que nos fizessem refletir sobre o melodrama, que pudessem contribuir para melhor andamento do trabalho, alguns dos filmes assistidos foram: O mágico de Oz, A garota da capa vermelha, Branca de neve e o caçador, Romeu e Julieta. Esse trabalho além de nos ajudar com a construção de personagens, também contribuía para o desenvolvimento com os jogos de improvisação como: o detetive e o assassino, pois algumas tramas dos filmes envolviam o vilão e a mocinha, o triunfo do bem contra o mal, entre outras características que compõem o melodrama.

Na construção do espetáculo, interpreto Matilda, filha da bruxa e ex filha de rei, uma garota mimada pela mãe, a mesma possui um gênio forte e adora humilhar sua irmã Branca de Neve. A construção dessa personagem foi difícil de início, pois trouxe lembranças de quando fui oprimida, naquele momento eu estava na figura do opressor. Porém mesmo que toda a

maldade de Matilda me remetesse à algo que vivi, era importante que eu aprendesse a diferenciar o real da ficção, assim como afirma Constantin Stanislavski:

"A nossa arte busca alcançar exatamente esse resultado e requer que o ator sinta a agonia do seu papel, e chore até mais não poder em casa ou durante os ensaios e que depois se acalme, liberte-se de todo sentimento que seja alheio ao papel ou o obstrua. Vai então ao palco para transmitir ao público, em termos claros, puros, profundamente sentidos, inteligíveis e eloquentes, aquilo por que passou." (STANISLAVSKI, 2010, p. 115)

Dessa forma, construir esse personagem exigiu que eu superasse os obstáculos que impediam a minha interpretação, várias vezes me posicionei em frente ao espelho para que eu conseguisse encontrar uma forma de tirar a Shirleyanne da Matilda, que quando o público olhasse não visse meu "eu" no personagem, mais sim o personagem em mim, além dos ensaios feitos em casa, contei também com a ajuda dos meus colegas de grupo, que em diversos ensaios davam dicas para que pudesse construir a personagem.

Para montagem dessa peça, além dos ensaios o grupo se encontrava em horários alternativos para a confecção do cenário, sob a supervisão do Professor Pablo Marquinho. Segue imagem da construção de adereços.

Figura 14 – Construção do corpo de uma vaca. (Contribuição do Prof^o Me. Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro)



Fonte: Fernando DiOliveira (2017)

Após um período de intervenções dentro e fora do IFTO, tivemos a oportunidade de retornar a Uberlândia-MG, desta vez para participar de um congresso internacional, o “VIII InterFaces Internacional – IMPROVISACÃO: suportes de jogo nos processos de atuação do ator-performer”, que aconteceu dos dias cinco a oito de julho de dois mil e dezessete. Os grupos SO.PRO: Melodrama, MelodrArt, GuruImpro e Motirõ, participou levando a desmontagem* do que vem realizando com a improvisação melodramática no decorrer de sua trajetória, a apresentação da desmontagem sobre o melodrama, ficou por conta da coordenadora Marli Magalhães e o ator Fernando DiOliveira. Na oportunidade recebemos a oferta de uma oficina melodramática juntamente com o grupo MelodrArt, grupo de estudos melodramáticos para novos estudantes do IFTO, no dia nove de julho, na Universidade Federal de Uberlândia, ministrada pela atriz Maria de Maria Andrade Quialheiro, que é pesquisadora da linguagem melodramática. Segue imagem da oficina.

Figura 15 – jogos com gestos melodramáticos



Fonte: Fernando DiOliveira (2017)

Além do trabalho com exercícios para se trabalhar gestos melodramáticos fizemos também um jogo envolvendo o Melodrama dos circos, no qual a ministrante pediu que fizéssemos uma fila, a mesma pegou um chapéu e nos explicou que o chapéu deveria ser

***Desmontagem:** A desmontagem cênica está ligada ao compartilhamento de trabalhos e processos de criação em caráter ético e estético.

posicionado na altura da cintura, virado para frente e que deveríamos andar sorridente mostrando para o público aquele chapéu, segue imagem desse exercício.

Todos esses acontecimentos serviram para percebermos a importância desse grupo de extensão. A quantidade de situações que nos envolvemos a partir dos trabalhos realizados, pelo grupo. Oportunidades que foram surgindo diante dessa trajetória, trabalhos enriquecedores, portadores de conhecimentos, que jamais teríamos se não fosse a abertura que tivemos para essa linha de pesquisa.

Figura 16 – Exercício com chapéu



Fonte: Acervo Próprio (2017)

Logo após vestimos o figurino melodramático e passamos para os jogos de improvisação melodramática realizamos o jogo, no qual trabalharíamos os tipos melodramáticos e sobre o comando da ministrante iríamos construindo personagens, que usaríamos na cena. Podemos assim valorizar o que trazíamos de bagagem.

Figuras 17 –Oficina Melodramática em Uberlândia/MG, trabalhando os tipos melodramáticos: Os apaixonados



Fonte: Acervo próprio (2017)

Figuras 18–Oficina Melodramática em Uberlândia/MG, trabalhando os tipos melodramáticos: Os apaixonados



Fonte: Acervo próprio (2017)

No dia vinte e nove de agosto de dois mil e dezessete os grupos SOPRO junto com os grupos de Extensão do IFTO campus Gurupi, GuruImpro e MelodrArt, estiveram em Porto Nacional/TO, em um evento realizado pela instituição, voltada para a semana de combate as

drogas, ao Álcool e a violência, para participar com intervenções, voltadas para a temática, tendo como público, estudantes do ensino médio.

As apresentações começaram com o grupo de teatro-esporte GuruImpro, que trabalha com jogos de improvisação, dando sequência as apresentações jogaram juntos o grupo SO.PRO e MelodrArt. Em cena os dois grupos usaram como proposta um dos componentes fazendo o papel de um usuário de bebidas alcoólicas, o mesmo era julgado pelo povo de Paris e também, questionado pela Professora Marli na figura da personagem “Madame”, coordenadora do grupo que conduzia os jogos, a mesma foi até ele e fez algumas perguntas sobre o porquê de ele fazer uso do álcool, “o senhor não sabe que o álcool pode destruir sua via, sua família? E não lhe trará nenhum benefício”, ele, porém retrucou dizendo que já não tinha mais família e que a culpa de ele beber era de sua ex-esposa, bebia porque a esposa o tinha abandonado, nesse momento a professora e coordenadora disse que ninguém é culpado por nossos atos, o que fazemos e exclusivamente por escolhas, escolhas que fazemos, que a vida nos coloque em situações desconfortáveis isso não nos dá o direito de tomarmos atitudes que nos causarão prejuízos a saúde e muito menos de jogar a culpa de nossas atitudes para terceiros, chamando sua atenção para o que era de fato certo. Seguindo com o diálogo demais participantes foram entrando no jogo e dando andamento à história, passando para o público que usar drogas e beber pode causar danos irreversíveis a sua via, a intenção era fazê-los perceber que aquilo era errado. Segue foto dessa improvisação.

Figura 19- cena de embriagues



Fonte: Fernando França (2017)

Nesse mesmo dia fizemos outra apresentação para turmas diferentes, com o mesmo tema, a proposta era a mesma, condenar a atitude de algum personagem por uso de álcool ou drogas ilícitas e chamar a sua atenção a fim de passar para o público, o mal que aquilo faz, deixando claro que o consumo dessas drogas pode causar danos a sua vida. Segue imagens das apresentações.

Figura 20 e 21 – intervenção melodramática em Porto Nacional



Fonte: Fernando França (2017)

Desde o início o grupo sempre procurou abraçar todas as oportunidades que surgiam, buscando sempre o crescimento, levando a arte do fazer teatral pela cidade de Gurupi e região, e durante toda essa trajetória o grupo vem fazendo um trabalho considerável, o que nos proporciona uma grande satisfação, pois é gratificante quando em diversas apresentações se percebe o brilho no olhar de cada um que prestigia esse trabalho, e ver nas redes sociais a divulgação do nosso trabalho.

Com a iniciativa de levar o grupo para se apresentar fora da instituição, seja em escolas, eventos, congressos entre outros, despertamos o interesse de muitas pessoas para que através desse trabalho venham decidir fazer o curso, e a partir daí percebemos a força e a influência que o teatro exerce de quando vamos além das fronteiras da instituição. Digo isso para situar o leitor sobre a abrangência desse trabalho, a quantidade de pessoas que, a cada dia vem agregando ao público melodramático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa voltada para o melodrama possibilita perceber as contribuições que o mesmo pode oferecer para vida pessoal e profissional do ser humano. O Melodrama trabalha com questões que envolvem sentimento e traz mensagens que causa aos espectadores momentos de reflexão, situações que provoca um distanciamento levando o público a se colocar no lugar do outro, instigando a análise crítica e construtiva.

Perante a esses aspectos é importante ressaltar que estudar o gênero melodramático, além de oferecer contribuições para construção própria, ele se torna um grande parceiro quando se usa dos exercícios melodramáticos para se trabalhar questões de timidez, postura, raciocínio, prontidão, entre outros. A reflexão em torno da atuação, atinge o público de maneira construtiva, fazendo acreditar que o trabalho, de fato, contribui para o aprendizado dos envolvidos, mesmo que ainda não estejam inseridos no universo teatral, os mesmos terão condições de análises outras, com a observância dos personagens que tratarão de questões morais e de poder, permitindo que o espectador opte entre o bem e o mau.

Embora o gênero melodramático seja pouco conhecido na cidade de Gurupi, e o mesmo tenha se perdido no decorrer dos séculos, ainda existem traços que ao longo dos anos se dissolveu em outros gêneros e linguagem artísticas, assim como vemos em peças ou em telenovelas que só estudando esse gênero seja possível perceber. O importante é que o que ficou de aprendizado, com certeza, acrescenta aos amantes do gênero, que insistem em abordá-lo certos do retorno artístico, didático e pedagógico.

Para o ator é possível dizer que é de suma importância que todo e qualquer ator tenha contato com o melodrama, pois ele trabalha muitos tipos que ao ser incorporado cabe em qualquer gênero, como por exemplo: o mocinho, o vilão, o pai nobre, entre outros, no qual são tipos que geralmente são usados em diversos trabalhos teatrais, porém nem sempre são caracterizados como melodramáticos. Outra situação que podemos observar, é o fato de que o universo teatral muitas vezes requer gestos largos, voz presente e corpo falante, questões que os exercícios melodramáticos aprimoram também para qualquer gênero. Podemos usar dos exercícios melodramáticos para aguçar a interpretação no palco, independente do gênero teatral ao qual se recorreu.

Como material pedagógico, o melodrama não deixa a desejar, e a escrita desse trabalho, é apenas uma instigação para que quem tiver acesso, saiba das possibilidades que o Trabalho com o Gênero Melodramático nos traz. Mudanças, crescimentos, que só quem experienciou pode contar.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALEIXO, Fernando. **Corporeidade da Voz: voz do ator**. Campinas: ed. Komedi, 2007.

BRAGA, Claudia. **O melodrama francês no Brasil: tradução e recepção**. IN: Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X) Rio de Janeiro, 2006.

CABRAL, Beatriz Ângela. **O Drama Como Método de Ensino**. 2ª Edição. 2012. Editora Hucitec. 148 pgs.

CARVALHO, Crepaldi, Daniela. **Melodrama, uma poética do povo**. Porto Alegre: UFRGS, dezembro, 2014.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Não Nascemos prontos! Provocações filosóficas**. 9.ed. Petrópolis, RJ, 2009.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec. Edições Mambacaru, 2006.

FILHO, Welerson, Freitas e MERISIO, P. Ricardo. **Melodrama O Gênero na formação do ator contemporâneo**. Minas Gerais, 2011

JANUZELLI, Antonio. **A aprendizagem do ator**. São Paulo: Ática, 1986.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PRADO, Décio de Almeida. **O Drama Romântico**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

OLIVEIRA, Ricardo, Augusto, S. e MERISIO, P. Ricardo. **A interpretação Melodramática na Encenação**. Minas Gerais, 2008.

ROCHA, Vera. **Melodrama circense: a caracterização do personagem por tradição**. – 6ª Ed. Florianópolis, 2003.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor** – 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **A construção da personagem**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Tradução e notas Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

TRINDADE, A. L. e Santos, R (orgs); **Multiculturalismo mil e uma faces da escola**. RJ. : DP & A, 2000.

XAVIER, Ismail. **O Olhar e a Cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo**, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.